**A MAIS-VALIA IDEOLÓGICA NA MANUTENÇÃO DA DEPENDÊNCIA
LATINO-AMERICANA**

Aline Santos Silva
linesantos21@hotmail.com
UFBA
Brasil

Gilca Garcia de Oliveira
ggo@ufba.br
UFBA
Brasil

RESUMO

Quando Ruy Mauro Marini desenvolveu a ideia de dependência na América Latina, ele a relacionou com uma situação em que uma economia periférica se encontra condicionada ao desenvolvimento e à expansão de outra, numa situação dialética e de subordinação. As manifestações desta subordinação estão presentes nos aspectos sociais, políticos e ideológicos de determinada sociedade. A teoria da dependência é uma forma de analisar o processo de desenvolvimento da América Latina considerando suas especificidades. É uma teoria própria à realidade latino-americana, não considerando que existem etapas a seguir até conquistar o nível de desenvolvimento dos países centrais. Este estudo se concentra na análise das manifestações ideológicas dessa subordinação, utilizando o conceito de mais-valia ideológica de Ludovico Silva. A mais-valia ideológica trata do apoderamento da consciência humana para preservar o sistema capitalista. Ludovico Silva foi um pensador venezuelano, reconhecido como um grande conhecedor das obras de Marx, chegando inclusive a escrever um livro sobre seu estilo literário. Ao criar o conceito de mais-valia ideológica, estabeleceu uma relação dialética entre a ideologia marxiana, como falsa consciência, e a comunicação. Enquanto Marx encontrou no campo material a mais-valia, Ludovico encontrou uma mais-valia no campo espiritual, criando um conceito marxista adaptado à realidade latino-americana. Assim, considerando que os países da América Latina foram inseridos na dinâmica do sistema capitalista mundial de forma subordinada e dependente, este estudo tem o objetivo de contribuir com o debate sobre a situação de dependência destes países, acrescentando o conceito de mais-valia ideológica como um elemento que corrobora para a manutenção desta condição. Considerando que, a estrutura ideológica interna sustenta a manutenção da dependência nos países latino-americanos, pois, como defendeu Cardoso e Faletto (2010), as relações internas de classe não estão alheias à dependência. Assim, são estas relações que incorporam uma fisionomia da dependência. Se a classe dominante não possuir um projeto de desenvolvimento nacional, mas que esteja ligada ao externo, a situação de dependência não se romperá. E enquanto a classe trabalhadora não alcançar uma consciência revolucionária, enquanto ela continuar sendo manipulada ideologicamente pelo capital – que, mesmo sendo interno, está estreitamente ligado ao externo – não haverá mudança na conjuntura de superexploração. Vale ressaltar que, segundo Marx e Engels, as ideias dominantes, em cada época, são as ideias das classes dominantes. Desta forma, a investigação empírica será realizada a partir da análise do papel dos meios de comunicação, sobretudo a televisão, como propagadores da ideologia da classe hegemônica nacional e dos países centrais. O estudo mostrará medidas políticas dos governos latino-americanos de esquerda – entendendo-se que estes deveriam se posicionar contra o neoliberalismo – no controle da propagação da mais-valia ideológica pelos meios de comunicação, com foco na televisão.

ABSTRACT

When Ruy Mauro Marini developed the idea of dependence in Latin America, he related it to a situation in which one peripheral economy is conditioned to the development and expansion of another, in a dialectic and subordination situation. The manifestations of this subordination are present in the social, political and ideological aspects of a given society. The dependency theory is a way of analyzing the development process of Latin America considering its specificities. It is a theory proper to the Latin American reality, not considering that there are steps to follow until

achieving the level of development of the central countries. This study focuses on the analysis of the ideological manifestations of this subordination, using Ludovico Silva's concept of ideological surplus value. The ideological surplus value deals with the empowerment of the human conscience to preserve the capitalist system. Ludovico Silva was a Venezuelan thinker, recognized as a great connoisseur of Marx's works, even writing a book about his literary style. In creating the concept of ideological surplus-value, he established a dialectical relationship between Marxian ideology, as false consciousness, and communication. While Marx found in the material field surplus value, Ludovico found an added value in the spiritual field, creating a Marxist concept adapted to Latin American reality. Thus, considering that Latin American countries were inserted in the dynamics of the world capitalist system in a subordinate and dependent manner, this study aims to contribute to the debate about the dependency situation of these countries, adding the concept of ideological surplus value as an element that corroborates for the maintenance of this condition. Considering that the internal ideological structure supports the maintenance of dependence in the Latin American countries, because, as Cardoso and Faletto (2010) defended, internal class relations are not unrelated to dependence. Thus, it is these relations that incorporate a physiognomy of dependence. If the ruling class does not have a national development project, but is linked to the external, the dependency situation will not be broken. And as long as the working class does not achieve a revolutionary consciousness, as long as it continues to be ideologically manipulated by capital - which, though internal, is closely linked to the external - there will be no change in the super-exploitation scenario. It is noteworthy that, according to Marx and Engels, the dominant ideas in each epoch are the ideas of the ruling classes. In this way, empirical research will be carried out by analyzing the role of the media, especially television, as propagators of the ideology of the national hegemonic class and the central countries. The study will show political measures of the Latin American governments of the left - understanding that they should stand against neoliberalism - in controlling the propagation of ideological surplus value through the media, with a focus on television.

Palavras-chave: Dependência; Mais-valia ideológica; América Latina.

Keywords: Dependence; Ideological surplus value; Latin America.

1. INTRODUÇÃO

A teoria da dependência é uma forma de analisar e entender o processo de desenvolvimento da América Latina considerando suas especificidades. É uma teoria própria para a nossa realidade e, inclusive, ela não considera que temos etapas a seguir até conquistar o nível de desenvolvimento dos países centrais. Ruy Mauro Marini, juntamente com outros autores, a exemplo de Theotônio dos Santos, André Gunder Frank e Vânia Bambirra, ao desenvolver esta formulação teórica buscou mostrar que a América Latina está inserida no capitalismo, contudo um capitalismo diferenciado dos centros hegemônicos, um capitalismo dependente.

A dependência da América Latina se mantém mesmo após a sua “independência” enquanto países colonizados. Parece estranho dizer que os países se tornaram dependentes com a independência, mas foi justamente assim que se deu a história latino-americana. Quando as colônias da América Latina alcançaram independência em relação à metrópole, suas economias passaram a girar em torno da Inglaterra. Assim, o rompimento com o pacto colonial e a liberdade político-administrativa estavam longe das transformações sociais e econômicas esperadas. A articulação dos novos países politicamente independentes é caracterizada pelos fluxos comerciais e, posteriormente, de capitais. Estes países começam, assim, a atender as demandas inglesas, produzem e exportam matérias-primas, enquanto importam manufaturas.

Mais tarde, quando os Estados Unidos assumem a liderança econômica e política do mundo, os países latino-americanos passam a orbitar em torno deste novo polo. A classe dominante e/ou os governantes desses países não estabelecem medidas para se libertar deste ciclo dependente, falta um projeto de desenvolvimento nacional que não incluía, por exemplo, o financiamento estrangeiro, pois este só aumenta a dívida pública e mantém a dependência. Vale ressaltar, que existe um amplo debate sobre a cifra dessa dívida, na atualidade, segundo estudos, caso houvesse uma auditoria pública, esta dívida apresentaria um valor consideravelmente menor¹.

Percebe-se, então, que a análise da dependência não pode ser feita apenas considerando o fator externo. Esta situação não é internamente desconhecida, ela não está alheia aos detentores do poder, tanto político quanto econômico, das nações latino-americanas. Esta relação interna entre as classes que expressa o nível de dependência em cada país. O conceito de mais-valia ideológica, desenvolvido por Ludovico Silva, pensador marxista venezuelano, é um elemento que contribui para a análise de tal situação. Pois, classe dominante dissemina uma ideologia que tem como papel fundamental manter o *status quo*.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo fundamental analisar a importância da mais-valia ideológica na manutenção da dependência dos países latino-americanos em relação aos países

¹ AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA é uma associação, sem fins lucrativos que tem como um dos objetivos: realizar, de forma cidadã, auditoria da dívida pública brasileira, interna e externa, federal, estaduais e municipais. Disponível em: <http://www.auditoriacidada.org.br/>.

centrais. Para cumprir este propósito, este artigo está dividido em cinco partes. A primeira parte é composta por esta introdução. A segunda parte apresenta a Teoria da Dependência, serão discutidas somente suas principais características, por meio de seus principais pensadores, a exemplo de Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, Fernando Henrique e Enzo Faletto. A terceira parte traz a construção do conceito de mais-valia ideológica de Ludovico Silva. A quarta apresenta elementos da realidade para ajudar na compreensão de como a mais-valia ideológica nos países latino-americanos vinha sendo enfrentada pelos governos de esquerda. As considerações finais são apresentadas na última parte.

2. A TEORIA DA DEPENDÊNCIA

A teoria da dependência foi formulada por Ruy Mauro Marini, nos anos 60, para a compreensão da relação dos países latino-americanos na dialética do sistema-mundo. Marini descrevia a dependência como uma: “[...] relación de subordinación entre naciones formalmente independientes, en cuyo marco las relaciones de producción de las naciones subordinadas son modificadas o recreadas para asegurar la reproducción ampliada de la dependencia” (Marini, 1973, p.111).

Segundo Theotônio dos Santos (2000), o desenvolvimento socioeconômico da América Latina só começou entre os anos de 1930 e 1945, período em que, sob o impacto da crise de 29, orientava suas políticas de desenvolvimento para a industrialização. Uma fase em que alguns países latino-americanos se dedicaram a substituição dos produtos importados por uma produção nacional de manufaturados. As transformações do pós-II Guerra na América Latina estão intrinsecamente ligadas ao processo de monopolização, centralização e concentração do capital: os países que já haviam começado o processo de industrialização veem esse processo reorientado e os que ainda não haviam começado tem essa inicialização direcionada aos interesses do grande capital internacional, especialmente o estadunidense (Bambirra, 2013).

Marini (1973) mostra que o problema começou com a integração da América Latina no mercado mundial. Primeiramente, este território surge com a expansão comercial do século XVI, com a colonização promovida pelos países europeus, e assim, o desenvolvimento da América Latina surge

atrelado à dinâmica do capital internacional. A extração de recursos naturais possibilitou o desenvolvimento do capital comercial e bancário da Europa, sendo essencial para o posterior desenvolvimento da indústria. Após a independência política, nas primeiras décadas do século XIX, um conjunto de países latino-americanos passa a ter seu funcionamento político e econômico em torno da Inglaterra.

A partir deste momento, a América Latina possui um papel na divisão internacional do trabalho, entrando na dinâmica do capitalismo mundial como uma fornecedora de bens primários e importadora de bens manufaturados. Assim, também, inicia-se uma relação de subordinação, de dependência. Tem-se que o desenvolvimento de alguns países se dá por meio do subdesenvolvimento de outros (Gunder Frank, 2012). Apesar de assumir formas específicas, o capitalismo na América Latina não nega suas leis gerais de movimento do capital. Formou-se um capitalismo dependente da dinâmica dos países centrais (Bambirra, 2013).

FHC e Faletto (2010) fazem uma correlação entre a dependência externa e a articulação interna entre classes. O que os autores defendem é que a dinâmica do sistema dependente está intimamente ligada à dinâmica interna. As relações entre as classes, a capacidade de estabelecer alianças, possibilita ou não a expansão do sistema de subordinação. Assim, assinalam que

[...] se a nova forma de dependência tem explicações exteriores à nação, – aqui se referindo à mudança de poder hegemônico da Inglaterra para os EUA – por outra parte a relação interna entre as classes não lhe é alheia; ao contrário, a relação interna entre as classes é que torna possível e dá fisionomia própria à dependência (Cardoso & Faletto, 2010, p. 50).

Blomstrom e Hettne (1984 *apud* Santos, 2000) também reconhecem a manifestação da dependência a partir das relações internas. Neste sentido, resumem o que consideram como os quatro pontos centrais na teoria da dependência: 1) a existência de uma relação estreita entre o subdesenvolvimento com a expansão dos países industrializados; 2) no processo universal, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento são aspectos diferentes; 3) não existe um evolucionismo onde o subdesenvolvimento é uma condição para o desenvolvimento; 4) a dependência não pode ser vista apenas como um fenômeno externo, pois ela também se manifesta sob diferentes formas na estrutura interna (social, ideológica e política).

Posteriormente voltar-se-á a este quarto ponto que está mais condizente com o objetivo deste artigo. Já se tratou rapidamente sobre a inserção da América Latina na dinâmica do capitalismo mundial. Contudo, antes é importante expor, de forma resumida, pontos relevantes na discussão da dependência latino-americana: a troca desigual, a superexploração do trabalhador e o ciclo do capital na economia dependente.

2.1. A troca desigual

A América Latina adentra na divisão internacional de trabalho com a função de fornecedora de bens primários. Assim, os países centrais confiam a esta região as suas necessidades de meios de subsistência, concentrando-se na produção de bens industrializados. Desenvolvendo este papel, a América Latina possibilita a redução do valor da força de trabalho e garante o aumento da mais-valia relativa nos países industriais. Atendendo, inclusive, a demanda por bens primários necessários à indústria. Assim, com certa estabilidade dos produtos industriais, a depreciação dos preços dos bens primários reflete na deterioração dos termos de troca, ou seja, gera um intercâmbio desigual entre os países centrais e periféricos, uma transferência de valor.

2.2. A superexploração da força de trabalho

Devido à transferência de valor que ocorre entre as nações industrializadas e as pouco-industrializadas, os países dependentes, que saem perdendo nesta troca, procuram recompensar esta perda com uma maior exploração da classe trabalhadora, visto que, é impossível impedir esta troca desigual no âmbito do mercado mundial. Desta forma, o que ocorre nos países dependentes é, por exemplo, um aumento da mais-valia absoluta – obtida por meio de uma maior exploração do trabalhador. Marini (1973, p. 123) resume:

lo que aparece claramente, pues, es que las naciones desfavorecidas por el intercambio desigual no buscan tanto corregir el desequilibrio entre los precios y el valor de sus mercancías exportadas (lo que implicaría un esfuerzo redoblado para aumentar la capacidad productiva del trabajo), sino más bien compensar la pérdida de ingresos generados por el comercio internacional, através del recurso a una mayor explotación del trabajador.

Existem três mecanismos para o aumento da mais-valia absoluta: a intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho. Todos estes mecanismos possuem em comum a negação ao trabalhador de repor o desgaste da força de trabalho, em prol da elevação da taxa de mais-valia e do lucro. Como nos três casos o trabalhador é remunerado abaixo do valor da força de trabalho despendida, estes mecanismos resultam numa superexploração do trabalho.

2.3. O ciclo do capital na economia dependente

A contradição que está na essência da dependência latino-americana é o fato que estes países contribuem com a acumulação do capital com base na superexploração do trabalho. Segundo Marini (1973), como a sua inserção se deu no intuito de atender às exigências da circulação capitalista, a produção latino-americana não depende do consumo interno para sua realização. Este é um aspecto fundamental para compreender o ciclo do capital nas economias dependentes.

Nas economias latino-americanas, a produção encontra-se separada da circulação, efetuando-se no domínio externo. Desta maneira, o consumo individual do trabalhador – aquele empregado para repor a força de trabalho – não interfere na realização do produto. Existe, também, uma tendência a explorar cada vez mais a massa trabalhadora, sem uma preocupação com sua condição de reposição. Isto se dá, inclusive, pelo excedente da força de trabalho disponível nos países dependentes, que acaba funcionando como um dificultador de melhorias nas condições de trabalho.

3. A CONTRUÇÃO DO CONCEITO DE MAIS-VALIA IDEOLÓGICA

3.1. Ideologia

Não existe uma única definição de ideologia, tem-se, na verdade, uma vasta gama de significados convenientes para este termo. Segundo Eagleton (1997), a palavra ideologia é, metaforicamente falando, um tecido com diferentes fios conceituais, esboçado por divergentes histórias. Para Marilena Chauí (1984), se afirmássemos que a realidade social é formada por ideias ou por nossas representações das coisas estaríamos na ideologia em seu estado puro, onde as coisas seriam apenas

receptáculos das ideias que constituem a realidade. Contudo, o real é um processo que depende das formas de relação do homem com ele mesmo e com a natureza - as relações sociais. São os homens que, consciente ou inconscientemente, constroem essas relações.

Segundo alguns estudiosos do tema – como Mannheim e Hans Barth – o termo ideologia foi utilizado pela primeira vez por Destutt de Tracy (1857-1836), juntamente com o médico Cabanis, com De Gérando e Volney, em sua obra *Elementos da Ideologia*. O intuito de Destutt foi criar uma disciplina filosófica que abarcasse a base de todas as ciências, uma ciência que contivesse a gênese das ideias (Barth, 1951 apud Silva, 2013).

Napoleão acreditava que os ideólogos eram sonhadores perigosos que estariam ameaçando a autoridade política. Segundo Napoleão, os ideólogos eram responsáveis por tudo de ruim que acontecia na França, eram metafísicos e ignorantes do realismo político que amolda as leis ao coração humano e às lições da história (Chauí, 1984). Assim, a ideologia passa a designar um sistema de ideias estranho à sua relação com o real. Este sentido depreciativo do termo é o que mais se aproxima da ideia marxiana sobre ideologia, aquela em que o mundo das ideias está divorciado do mundo das relações materiais.

Percebe-se que o conceito de ideologia surgiu emergido em confusões e equívocos. Surge junto às práticas materiais dos aparelhos ideológicos de Estado, no palco de interesses ideológicos conflitantes. Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, esforçam-se para desanuviar o conceito de ideologia. A teoria da ideologia em Marx está intimamente ligada à sua teoria da alienação, apresentada nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. Marx argumentava que, dentro de determinadas condições sociais, os poderes, produtos e processos humanos evadem do controle humano, passando a adquirir uma existência aparentemente independente. Por conseguinte, estes fenômenos começam a desempenhar sobre eles um poder imperativo, de modo que homens e mulheres se submetem aos produtos de sua própria atividade, como se estes fossem uma força estranha (Marx, 2004).

Marx compara o estranhamento do trabalho à religião, pois nesta existe uma auto-atividade da fantasia humana, atuando independentemente do indivíduo e acima dele, ou seja, é uma atividade

estranha. O trabalho ao trabalhador não funciona como sua auto-atividade, mas pertence a outro ser, lhe é estranha. Percebe-se que a dicotomia entre sujeito e objeto volta diante do conceito de alienação/estranhamento. Os homens produzem a realidade em que vivem, mas a fazem inconscientemente, resultando num distanciamento entre o mundo e o homem. Esta dicotomia precisa ser analisada nas suas raízes e Marx a faz por meio do estudo da ideologia na sociedade capitalista.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels afirmam que o homem possui consciência – também sendo detentor de espírito que se exterioriza como consciência – que não é pura, pois está contaminada pela matéria sob a forma de linguagem, a qual nasceu juntamente com a necessidade de intercâmbio entre os homens. Há uma vinculação estreita entre a consciência e a prática social, contudo, para os filósofos alemães, ela está separada de tal prática, podendo, por meio de um processo de inversão (alienação), ser equivocadamente entendida como a própria origem e fundamento da vida histórica.

Marx e Engels utilizam-se da analogia para dar uma noção do conceito de ideologia, uma metáfora que tem como fundo uma crítica aos ideólogos alemães. Para Ludovico Silva (2013) a analogia usada mostra a forma da ideologia e o que essa forma determina. Assim, reproduzindo as palavras de Marx e Engels (2007, p. 94):

Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta do seu processo de vida imediatamente físico.

Os autores mostram que qualquer que seja a ideologia – a religião, a moral, a metafísica – ela não é autônoma, está ligada a pressupostos materiais e são empiricamente contestáveis. Assim, é também a consciência que se forma a partir dela, sendo determinada pelo modo de vida dos seres humanos em seu processo de produção material, ou seja, a consciência é socialmente determinada. Então, estamos falando de uma consciência que não é genuína, ela é falsa, é uma falsa consciência.

3.2. A mais-valia ideológica

No Livro I de *O Capital*, Marx mostra que o produto é a propriedade do capitalista e que nele está contido um valor de uso. Mas para o capitalista um produto só tem importância quando possui

valor de uso e de troca, quando é uma mercadoria. Esta mercadoria deve ter um valor de troca superior ao montante despendido em sua produção, tanto com meios produtivos quanto com a força de trabalho. Assim, o dono dos meios de produção busca a aquisição de uma mais-valia. Um importante questionamento de Marx sobre o sistema de produção capitalista é de onde é extraída esta mais-valia.

Sabe-se que o detentor do capital paga um determinado valor pela força de trabalho e pelas matérias-primas que serão utilizadas na produção, ou seja, o capital produtivo é dividido em capital variável e capital constante, respectivamente. Contudo, sabe-se também que este capitalista extrai um valor maior do que paga ao trabalhador pela força de trabalho. Ele extrai do trabalhador uma mais-valia e, desta forma, valoriza seu capital investido.

O processo de extração da mais-valia ocorre no “terreno oculto da produção” (Marx, 2013, p. 250), pois, o trabalhador encontra-se alienado em relação ao trabalho: “[...] é como se o trabalho não fosse seu próprio, mas de um outro, como se o trabalho não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não se pertencesse a si mesmo, mas a um outro” (Marx, 2004, p. 83). Ao capitalista pertence a força de trabalho do trabalhador e o que este produz, assim o vendedor da força de trabalho é como qualquer outra mercadoria – realiza seu valor de troca enquanto aliena seu valor de uso.

Segundo, Ludovico Silva, pensador venezuelano reconhecido como um grande conhecedor das obras de Marx, assim como o capitalista se apodera de uma parte do valor da força de trabalho, da mesma maneira, ele se apropria, por meio das comunicações de massa e da indústria cultural ou indústria ideológica, de uma parte da mentalidade das pessoas, inserindo nestas mensagens, no intuito de preservar o sistema capitalista. Portanto, como a esfera ideológica é expressão da vida material, as relações materiais de produção capitalista também terão sua expressão ideológica.

Ao criar o conceito de mais-valia ideológica, Ludovico estabeleceu uma relação dialética entre a ideologia marxiana, como falsa consciência, e a comunicação. A mais-valia ideológica é um conceito marxista adaptado à realidade latino-americana, montado em 1970, momento histórico da emergência do capital monopolista e da importante função que nele exercem os meios de comunicação.

Desta forma, enquanto Marx encontrou no campo material a mais-valia, Ludovico encontrou uma mais-valia no campo espiritual. Assim, Ludovico (2013, p. 150) explica sua hipótese:

[...] nossa hipótese consiste em perguntar-nos se não é possível, levando em conta a afirmação de Marx de que as relações de produção se reproduzem no plano da ideologia, pensar que, assim como na oficina da produção material capitalista se produz como ingrediente específico a mais-valia, assim também na oficina da produção espiritual no capitalismo se produz uma mais-valia ideológica cuja finalidade é fortalecer e enriquecer o capital ideológico do capitalismo; capital que, por sua vez, tem como finalidade proteger e preservar o capital material.

Ludovico Silva caracteriza a mais-valia ideológica como um produto necessário da alienação ideológica que surge nas relações de produção do capitalismo. A alienação ideológica é o “[...] pertencimento ideológico, não consciente, a interesses que não são seus, mas são contra eles mesmos” (Silva, 2013, p. 164). Para Silva, o contato diário e permanente com as percepções acústicas e visuais que são oferecidas pelos meios de comunicação é a base de sustentação ideológica do capitalismo. O autor vê como impossível a elaboração de uma teoria da ideologia do mundo capitalista-imperialista, do ponto de vista marxista, sem adentrar na teoria da comunicação.

4. A DEPENDÊNCIA DO PONTO DE VISTA DA ESTRUTURA IDEOLÓGICA INTERNA

Este capítulo do artigo se dedica a debater a estrutura ideológica interna que sustenta a manutenção da dependência nos países latino-americanos, pois, como defendeu Cardoso e Faletto (2010), as relações internas de classe não estão alheias à dependência. São estas relações que incorporam uma fisionomia da dependência. Se tivermos uma classe dominante que não possua um projeto de desenvolvimento nacional, que esteja ligada ao externo, a situação de dependência não se romperá. E enquanto a classe trabalhadora não possuir uma consciência revolucionária, enquanto ela continuar sendo manipulada ideologicamente pelo capital – que mesmo sendo interno está estreitamente ligado ao externo – não haverá mudança na conjuntura de dependência.

O século XXI pode ser considerado como um período de ascensão dos governos de esquerda na América Latina, como o Brasil (Lula e Dilma Rousseff); Chile (Michelle Bachelet); Venezuela

(Hugo Chávez); Bolívia (Evo Morales); Argentina (Cristina Kirchner); Uruguai (Pepe Mujica) e Equador (Rafael Correa). Estes governos não romperam com o imperialismo neoliberal na mesma escala, contudo alguns desses governos adotaram medidas para minimizar a histórica concentração dos meios de comunicação. Os meios de comunicação servem como grandes propagadores da ideologia da classe dominante. Como defendeu Marx e Engels (2007, p. 47): “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante”. Os meios de comunicação aparecem neste cenário como um mecanismo de transmissão dessa ideologia, pois quem os detém são os donos das ideias dominantes, não a classe trabalhadora.

Em 2007, Hugo Chávez não renovou a concessão da RCTV², a primeira emissora de televisão da Venezuela, alegando que a emissora privilegiava negócios privados em detrimento de prestar informações de interesse público, não cumprindo com as funções destinadas aos canais de televisão, conforme o previsto na constituição venezuelana. A emissora foi, também, acusada de participar da tentativa de golpe em 2002.

Segundo a organização internacional “Repórteres sem Fronteiras” (2017), no Brasil, quatro redes de televisão detêm mais de 70% da audiência. Ainda segundo este relatório, o Brasil ocupa a pior colocação dentre os 11³ países analisados quanto ao nível de concentração de propriedade e audiência da mídia. Este fator é considerado um risco para a pluralidade da mídia. O governo de Lula, buscando modificar de alguma forma tal situação, ampliou de 499 para 8.904 o número de veículos que recebem publicidade estatal, além de conceder a maioria das outorgas radiofônicas a rádios comunitárias (63,68%)⁴.

A relação entre a mídia brasileira e os políticos também é um ponto problemático, que exemplifica como a estrutura ideológica interna contribui para o aprofundamento da dependência. No Congresso Nacional, por exemplo, 32 deputados federais e 8 senadores da atual legislatura são

² Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2007/05/28/actualidad/1180303206_850215.html.

³ 11 países já analisados pela RSF – Brasil, Colômbia, Peru, Camboja, Filipinas, Gana, Ucrânia, Peru, Sérvia, Tunísia e Mongólia

⁴ Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/geopolitica-da-america-latina-e-grande-midia/>.

proprietários de emissoras, principalmente de redes afiliadas. A exemplo da Rede Bahia, controlada pela família Magalhães (integrada pelo atual prefeito de Salvador, Antônio Carlos Magalhães Neto); das Organizações Arnon de Mello (que possuem a TV Gazeta Alagoas, afiliada da Rede Globo, o jornal Gazeta de Alagoas e a rádio Gazeta 94 FM), reguladas pelo ex-presidente e senador Fernando Collor de Mello (Media Ownership Monitor – Brasil, 2017). Dados do “Portal da Transparência” (da União, 2017) mostram que, no ano de 2017, o Governo Federal Brasileiro já dispendeu mais de R\$5 milhões com a empresa Globo Comunicação e Participações S/A; acima de R\$ 2 milhões com a Rede Record de Televisão e a emissora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Na Argentina, Cristina Kirchner promulgou, em 2009, a chamada Ley de Medios, medida que pregava o fim do monopólio de grupos de comunicação argentinos, restringindo a porcentagem de mercado que poderiam dominar e quantos canais poderiam deter, além de incentivar veículos independentes. Países como Equador e Uruguai também reformaram suas legislações de comunicação nos últimos anos (Del Bianco, Esch & Moreira, 2015).

Estes dados demonstram um pequeno avanço em relação ao controle da ideologia da classe dominante que contribui para a manutenção da dependência em defesa dos seus interesses particulares, em detrimento dos interesses da classe trabalhadora. Contudo, estas ações ainda são insuficientes para modificar a conjuntura atual que, devido a ocupação da sua consciência por falsas representações, encontram-se vedadas, impossibilitando enxergar as contradições do sistema capitalista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A classe dominante utiliza os meios de comunicação para garantir a manutenção de seus interesses. O subconsciente das pessoas é tomado por uma falsa consciência, assim chamada a ideologia por Marx e Engels, dessa forma a realidade é maquiada diante de seus olhos. Por intermédio dos meios de comunicação, os detentores do capital transmitem mensagens ocultas, alienando espiritualmente a população. A mídia tem grande alcance nos países latino-americanos, milhões de pessoas tem

sua consciência alimentada pelas informações manipuladas pela classe economicamente dominante e que está estreitamente relacionada à política externa.

Analisando a conjuntura atual, percebe-se que, em momentos de crise, a ideologia da classe dominante aparece escancarada, não necessitando aparecer de maneira subliminar, disfarçada. A manipulação da consciência do povo é abertamente doutrinal, provocando uma interpretação equivocada da realidade social. Assim, compreende-se que qualquer atividade ligada aos meios de comunicação funciona como parte vital do capitalismo avançado para conservar a dependência dos não-avançados, em seus moldes.

Conclui-se, então, que enquanto as classes dominantes estiverem ligadas ao capital-financeiro, aos interesses dos países centrais, sem se preocupar com a nação da qual fazem parte, o capitalismo dos países periféricos continuará sendo um capitalismo dependente, que conta com o apoio da grande mídia para a sua manutenção. Esta mídia atinge milhões de telespectadores, milhões de pessoas com a consciência alienadas com falsas verdades.

6. REFERÊNCIAS

Bambirra, V. (2013). *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Coleção Pátria Grande.

Chauí, M. (1984). *O que é ideologia?*. Coleção primeiros passos. Vol. 13. Brasiliense.

Eagleton, T. (1997). *Ideologia*. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista–Boitempo.

Cardoso, F. H. & Faletto, E. (2010). *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Ensaio de interpretação sociológica. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar.

da União, C. G. (2017). Portal da transparência. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/PortalComprasDiretasFavorecido.asp?TipoPesquisa=2&Ano=2017&Valor=109619789177731&textoPesquisa=globo>. Brasília: Controladoria-Geral da União. Acesso em: 07 nov. 2017.

Del Bianco, N. R.; Esch, C. E. M. da C. & Moreira, S. V. (2015). *Lei de meios como estratégia de fortalecimento da radiodifusão pública: o caso da Argentina, Equador e Uruguai*. Revista Comunicação Midiática, v. 9, n. 3, p. 104-119.

Gunder Frank, A. (2012). *A agricultura brasileira: capitalismo e mito do feudalismo–1964*. Em: *A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda–1960-1980*. São Paulo: Expressão Popular.

Marini, R. M. (1973). *Dialéctica de la dependência*. Em: *América Latina, dependencia y globalización. Fundamentos conceptuales Ruy Mauro Marini. Antología y presentación Carlos Eduardo Martins*. Bogotá.

Marx, K. (2003). *O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.

_____. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*, trad. Jesus Ranieri, São Paulo: Boitempo.

_____. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo.

Media Ownership Monitor Brasil (2017). *Afilições políticas: Relação entre políticos e mídia no Brasil*. Disponível em: <http://brazil.mom-rsf.org/br/destaques/afiliacoes-politicas/>. Acesso em: 07 nov. 2017.

Repórteres sem Fronteiras, RSF. (2017). *Quem controla a mídia no Brasil?* Disponível em: <https://rsf.org/pt/noticia/oligopolios-de-midia-controlados-por-poucas-familias-reporteres-sem-fronteiras-e-o-intervozes-lancam>. Acesso em: 07 nov. 17.

Santos, T. dos. (2000). *A teoria da dependência: Balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Silva, L. (2013). *A mais-valia ideológica*. Florianópolis: Insular.